

2 Metodologia de Pesquisa

Este Capítulo tem como objetivo apresentar os procedimentos metodológicos que nortearam o presente trabalho. Inicialmente, são tecidas algumas considerações que orientaram a escolha do caminho metodológico. Em seguida, são apresentadas as questões inerentes à investigação em curso, incluindo-se as dificuldades e as opções vivenciadas pela pesquisadora frente às particularidades do Projeto.

2.1 A Opção Metodológica

Escolher um caminho a seguir em meio a tantas formas existentes de pesquisa é algo desafiador porque implica uma reflexão sobre os pressupostos distintos que guiarão a investigação e que acabarão determinando o relacionamento entre o pesquisador e o objeto de estudo.

Nessa perspectiva, para que se faça uma escolha, deve-se observar o objeto de pesquisa e seu foco. No caso deste trabalho, as empresas e o próprio Projeto de Economia de Comunhão constituem as questões a serem analisadas e o foco está no entendimento de como alguns elementos organizacionais são vistos e vivenciados por tais empresas. A questão central a ser tratada é a proposição de elementos que possam contribuir para a construção de bases teóricas para o Projeto.

Para que esses assuntos possam ser avaliados, optou-se por um estudo que segue o paradigma interpretativista, usando o método hermenêutico para a análise dos dados. Trata-se, portanto, de uma pesquisa teórica (não empírica), em uma ambiência onde inexistia conhecimento suficiente para formular hipóteses ou questões a serem respondidas por meio de pesquisa empírica que abrangesse o conjunto de teorias aqui representadas. Daí, o caráter eminentemente exploratório para abrir caminho a futuras pesquisas empíricas e à formulação de hipóteses mais precisas.

A alternativa de caminhar em um solo interpretativo permite a liberação das ferramentas matemáticas no tratamento dos dados e ressalta a idéia de que o conhecimento é construído na interação entre as pessoas, o que o torna simbólico, discursivo e sintético.

Outro aspecto que merece igual ênfase é a utilização da abordagem hermenêutica (PATTON, 1990). Segundo Campos (*apud* CAPALBO, 1983), a Hermenêutica trata do problema fundamental da essência e das estruturas de compreensão, suas condições e seus limites. Nesse sentido, continua o autor, os processos de compreensão estão ligados ao aspecto da projeção, fenômeno que ocorre tanto do texto sobre o sujeito, como do sujeito sobre o texto, e que conduz à interpretação.

Em outras palavras, um texto possui um sentido múltiplo, constituindo um espaço de significação, autônomo em relação a seu criador, e que se torna livre à interpretação do leitor. Além disso, acrescenta Campos (*apud* CAPALBO, 1983), o texto é uma obra de totalidade singular, o que impede sua redução a uma sequência de frases inteligíveis individualmente. Para o autor, o que deve ser interpretado em um texto é a proposição de mundo e, essa proposta, é, apenas, insinuada, nunca descrita. “É nessa tensão entre o expresso e o não expresso que a interpretação, propriamente dita, vai se colocar também, sugerindo uma construção que tem em vista a apropriação do sentido oculto, mas latente do discurso” (CAMPOS *in* CAPALBO, 1983, p. 41).

A compreensão da mensagem intrínseca ao texto, ou seja, a interpretação que cada pessoa dele fizer, passa pela sua maneira de ser. Se cada um se apegar a seus pressupostos de conhecimento, valores e crenças, não abrindo espaço para o novo antes de qualquer processo interpretativo, o resultado daí decorrente será, apenas, sua própria projeção. Assim, compreender torna-se, simultaneamente, um despojar-se de toda forma canônica do eu e uma aceitação de novas possibilidades.

Nesse ponto, Campos (*apud* CAPALBO, 1983) frisa que o problema da hermenêutica consiste das múltiplas questões e suas divergentes interpretações, pois cada pessoa compreende um fato a partir da sua própria pré-compreensão, ou seja, a partir da sua visão de mundo que é um produto histórico-cultural. De acordo com o autor, a hermenêutica se prende ao problema sócio-cultural como pressuposto de discernimento interpretativo. A consciência do que se concebe como verdade, ou seja, da postura que se adota frente ao mundo, permite uma avaliação crítica da situação e instaura uma postura dialogal e de acolhimento de outras posições.

Para a hermenêutica, compreender o expressar humano implica compreender sua significação, fazendo aparecer além da totalidade das suas conexões e das suas interrelações, o que está por baixo dessas implicações.

Essa pequena explanação sobre hermenêutica explicitando suas características mais relevantes é justificada por ela representar o método que foi utilizado neste trabalho. Ao longo dos capítulos, os assuntos foram sendo estudados e interpretados, buscando-se não só pontos convergentes e divergentes, mas, também, o que provocava esses movimentos. Acrescente-se a isso, que os pressupostos de conhecimento, os valores, as premissas e diversos outros aspectos intrínsecos à autora desta Tese permearam toda essa discussão. Influenciaram, também, a escolha dos temas visitados e a própria estrutura do trabalho.

Assim, escolhido o método, torna-se necessário apresentar o desenho da pesquisa realizada à luz de suas recomendações. É o que será feito a seguir.

2.2

O Desenho da Pesquisa sob a Orientação da Abordagem Hermenêutica

O tipo de pesquisa realizado nesta Tese de Doutorado pode ser caracterizado, segundo a taxionomia proposta por Vergara (2000) e Gil (1991), por meio de dois critérios básicos: quanto aos fins ou objetivos e quanto aos meios ou delineamentos.

Quanto aos objetivos, este trabalho apresenta um forte cunho exploratório no sentido *lato* do termo. Considera-se que ele seja exploratório em função da pouca profundidade com que a Economia de Comunhão tem sido tratado na literatura especializada e da carência de trabalhos científicos críticos sobre essa proposta, especialmente no que tange à elaboração de premissas teóricas para o Projeto de Economia de Comunhão, com visão abrangente do conjunto de teorias organizacionais.

Com relação aos meios, a pesquisa pode ser considerada bibliográfica e documental. É bibliográfica porque foi realizada uma varredura nos materiais publicados em artigos acadêmicos, livros, redes eletrônicas e nas mais diversas fontes acessíveis ao público em geral. É também documental porque serviram como fonte de dados documentos emitidos pela ESPRI – uma empresa fomentadora do Projeto, que será apresentada no Capítulo 6 - e informações trocadas por intermédio eletrônico com representantes do Movimento dos Focolares – Movimento do qual nasceu a Economia

de Comunhão – EdC - e que será discutido no Capítulo 4. Acrescente-se a isso que foram utilizados, nesta pesquisa, dados que Mario Soares Pinto e Heloísa Helena Gonçalves coletaram de estudos de caso múltiplos realizados em empresas de Economia de Comunhão, apresentados em suas teses de doutorado.

2.3 Tomada de Consciência

Nesta Seção, será feita uma apresentação da visão de mundo da pesquisadora. Como aqui sou obrigada a me referir a mim mesma, o rigor acadêmico permite uma utilização da primeira pessoa do singular.

Nasci e cresci no Rio de Janeiro, no seio de uma tradicional família carioca de classe média. Cursei o ginásio e o científico em escola pública (Colégio de Aplicação da UFRJ) e fiz a graduação em Engenharia Civil na UFRJ. Após a universidade, fiz mestrado em Engenharia de Produção na PUC-Rio e um MBA em Administração de Empresas e Negócios na FGV-RJ, pois sentia uma grande necessidade de enveredar por outras áreas de conhecimento que ultrapassassem o que era passível de ser provado matematicamente. Em 2002, ingressei no Doutorado da Engenharia Industrial da PUC na busca de ampliar mais ainda meus conhecimentos.

Fui educada dentro de rígidos padrões morais, em um ambiente impregnado de valores considerados ultrapassados e invadido por uma visão utilitária da vida. Quanto ao aspecto religioso, nunca tive uma religião definida dada a quantidade de crenças professadas em minha família (pais espíritas, avó católica, avô agnóstico, irmão judeu, tios e primos protestantes etc.), mas sempre acreditei em Deus, em uma força maior, capaz de me ajudar a vencer os obstáculos da vida e que, acima de tudo, nutre por mim um amor incondicional. Apesar disso, não posso me considerar uma pessoa religiosa.

Em termos profissionais, atuei desde formada no campo da Engenharia Civil, ora fazendo projetos, ora dando consultoria e, mais recentemente, na área de controle patrimonial de um Banco. Enquanto trabalhava como autônoma, pude perceber, em inúmeras ocasiões, os sofrimentos a que eram submetidas as pessoas dentro das organizações. Agora, integrada a uma organização não só os verifico mais de perto, como também os vivencio. Isso ativou, sobremaneira, minha percepção sobre as

necessidades humanas e me faz, não raro, assumir as rédeas de determinadas situações para resolvê-las de uma forma menos racional e mais emotiva.

Com relação à minha consciência sobre as coisas em que acredito, cabem vários comentários.

Sempre vivi em um ambiente impregnado pelo paradigma positivista funcionalista, de forte orientação tecnicista. Tive a formação típica de uma engenheira, sempre atenta às formas instrumentais de pensar. Sou fruto típico do conhecimento modernista e, mesmo não acreditando em muitas das premissas dele provenientes, não havia, antes do início desta Tese, parado para questioná-lo. Eu olhava ao meu redor e via a grande maioria das pessoas desenvolvendo suas atividades de maneira bastante semelhante, que parecia ser um consenso geral e, até mesmo, um ‘modo certo’ de agir. Tudo dentro desse ambiente em que a ciência positiva é a única expressão confiável da verdade, apoiada pela neutralidade da técnica, parecia tão bem estruturado, tão lógico e tão convincente que se voltar contra ele poderia ser um sinal de insanidade.

Ao longo do tempo, entretanto, fui tendo liberdade para perceber que vivemos dentro de grandes modelos que limitam nossa capacidade de pensar e fazem com que não se tenha consciência do que se sabe, nem do que se pode conhecer: são ‘pacotes cognitivos’ passados de geração em geração e utilizados para manipulação e cerceamento da capacidade crítica e criativa das pessoas. Até agora não cheguei à conclusão se esse movimento é fruto de algo deliberadamente pensado pelas elites dominantes, que assim podem submeter política, econômica e socialmente as demais pessoas, ou se isso é um movimento natural do mundo, o que permite que haja comandantes e comandados. Não obstante, o mais importante foi perceber que posturas críticas e visões antagônicas às que se têm são a mola mestra para um crescimento individual (e, talvez, coletivo), servindo para estimular o processo de aprendizagem, pois essas visões divergentes levam a questionamentos que podem ser pontos de partida para lugares, posturas, idéias e convicções não antes percebidas e exploradas.

Outro aspecto que me chamou bastante atenção ao longo de toda pesquisa foi o fato da ciência, ao longo dos anos, ter fragmentado quase todos (se não todos) os seus objetos de estudo, como se fossem partes não complementares e como se a análise de cada uma dessas partes pudesse ser feita independentemente do todo ou do conjunto ao

qual pertence. Muitos fatores indissociáveis foram avaliados independentemente de seus contextos e o resultado foi o surgimento de inúmeras visões fragmentadas e, muitas vezes, mutiladas. Concordo que há necessidade de decomposição do todo em partes para certas avaliações, mas não se pode esquecer, contudo, que essa parte estudada não tem sentido se separada de sua unidade. Dessa forma, manter-se a conexão das partes com suas fontes ou origens é imprescindível para que o objeto sob análise possa ter sentido, sobretudo no mundo humano-social onde se insere o Projeto de EdC que assumiu uma visão transdisciplinar de mundo, pois associa o que é ciência e técnica com o que é espiritual.

A questão do Homem como personagem central de todos os temas sempre foi alvo de minhas preocupações, haja visto minha dissertação de mestrado que já abordava tal tema. Com esta Tese, percebi que sempre se falava em organizações, métodos, procedimento, formas de conduta etc., fazendo-se pouca menção à questão do Homem enquanto ser social. A corrente dominante na Teoria Organizacional, conforme a crítica de Motta (1986), mostra descompromisso com a condição humana no processo produtivo, face a excessiva instrumentalidade do seu ver. Ela omite a finalidade última das coisas, que requeria a dominância de uma visão substantiva do ser humano e da vida organizacional. Era como se as organizações, com suas estruturas físicas e burocráticas, tivessem vida própria e pudessem sobreviver sozinhas, relegando a atuação do Homem a um segundo plano. O Homem, principal responsável por todas as modificações e por todo processo criativo, nunca ocupou sua real posição dentro das organizações. Recentemente, muito tem sido falado acerca do papel do indivíduo nas organizações, conferindo a importância e o destaque a ele pertinentes. Contudo, o que se observa na prática é que, dentro das organizações, pouco movimento de valorização do ser humano enquanto funcionário e ser social tem sido praticado. Sabe-se a real importância do Homem para as organizações, mas a adoção de idéias que permitam colocar o funcionário na posição de destaque que lhe é devida esbarra em questões de poder e em limites impostos pelos modelos tradicionalmente adotados pelas organizações. Pode-se, a partir daí, entender muitos dos problemas que ocorrem dentro das organizações e ter-se a certeza de que suas resoluções serão impossíveis se não houver uma mudança de visão paradigmática.

E que mudança de visão seria essa? Seria isso algo realmente possível? Para mim, cada indivíduo traz consigo uma bagagem que nada mais é do que todo o filme da

sua vida, sua história, suas crenças, seus valores, sua forma de ver a vida, seus dogmas, enfim, tudo que descreve o seu ser e, portanto, sua forma de agir. Essa bagagem construída desde que nascemos é o que permite que enfrentemos ou fuçamos do que nos é imposto ao longo do nosso caminho e é um reflexo de todos os modelos que nos foram transmitidos e que, consciente ou inconscientemente, seguimos. São os nossos pressupostos de conhecimento e mesmo sem tê-los conscientemente detalhados, os utilizamos a todo momento quando nos defrontamos com novas e antigas situações, pois as percebemos e as interpretamos usando essa bagagem pessoal. Chama-me atenção o fato de eu nunca ter parado antes deste trabalho para pensar quais são meus pressupostos de conhecimento e em quais deles eu realmente acredito. Questiono se isso seria uma autodefesa, pois ao buscar meus pressupostos de conhecimento, ou seja, minhas 'bases', estaria mexendo com um núcleo interior, desconhecido, em constante ebulição e, portanto, pronto para agir como um agente desestabilizante. A busca desse 'eu' interior e de tudo que está ligado a ele é muito dolorosa, porque se vê que tudo que se tem como sólido é, na verdade, bastante fluido e passível de uma fácil destruição. O que pude perceber é que o conhecimento e, conseqüentemente a aprendizagem, só ocorrem, realmente, quando se está disposto a abrir mão de uma postura fechada e se permitir uma avaliação de novas visões e possibilidades. Para tanto, tem-se que tomar consciência do quão instável as pessoas, o que inclui a nós mesmos, são e de quão incertas são nossas crenças de segurança e estabilidade.

Isso explica porque pessoas com idéias aparentemente semelhantes têm percepções tão diferentes acerca dos mesmos assuntos e, também, porque trabalhar e conviver em grupo é tão difícil. Decorrem daí muitas das barreiras para o processo de tomada de decisão em grupo (em que podem ocorrer choques de visões) e muitas das dificuldades relativas ao exercício de posições de comando e liderança ou de destaque (dentro das organizações, na vida pessoal, nos relacionamentos dos mais variados tipos etc.) que abranjam autoridade e poder.

Ainda com relação a esse aspecto, pude perceber que, atualmente, há uma pressa muito grande em se decidir. Modelos ainda não testados que podem estar utilizando metodologias questionáveis e que ainda não têm base de sustentação confiável são indiscriminadamente divulgados e utilizados como ferramentas poderosas para o 'sucesso organizacional'. Contudo, eles acabam sendo inviabilizados porque são usados de forma inconsequente, procurando prescrever o que ainda não foi descrito e

entendido. O problema, então, está na utilização de uma objetividade e prescritividade em detrimento de uma ação que procure, inicialmente, compreender o processo e seus fundamentos. Só quando se tem noção bastante clara das bases de sustentação de determinado modelo é que ferramentas passíveis de serem utilizadas com sucesso podem ser criadas, divulgadas e implementadas.

Outra questão que me atrai a atenção é a relação entre razão e emoção. Sempre acreditei não ser possível separar uma da outra e acredito ser difícil imaginar uma pessoa que só consegue agir de forma puramente racional ou puramente emocional. Para mim, o homem esconde sua emoção sob a lógica. Parto do princípio que o ser humano é basicamente emocional e a lógica é uma ‘estrutura’ posterior que vai lapidando (ou encarcerando) o homem dentro de certos padrões e moldes vigentes na cultura de onde ele vive. Assim, aos meus olhos, quando o ser humano raciocina, ele está, verdadeiramente, utilizando toda uma teia emotivo-lógica que dá forma a seus pensamentos e ajusta razão e emoção para a situação em questão.

Outro aspecto que faz parte de minhas premissas é a crença de que o Homem é um ser único em sua forma de ser e fazer e que duas pessoas, por mais parecidas que possam ser, são, na realidade, bastante distintas. Conviver com essas diferenças e equilibrar as desigualdades de forma que se possa chegar a um denominador melhor aceito é uma arte que demanda muito esforço e libertação de outras características do ser humano como o egoísmo, a vaidade, a necessidade de poder etc.

Acrescento, também, que o pensar instrumental é necessário à sobrevivência das pessoas em ambientes cada vez mais turbulentos e desiguais, porém, não esqueço que tudo isso tem que estar fundamentado em um pensar substantivo que é o que permitirá a ligação do ‘fazer’ com o ‘ser’ do homem, dando a ele algum sentido e apontando a direção a seguir da mesma forma que anteriormente me referia ao necessário suporte da razão instrumental pela razão substantiva que é crítica e moralmente comprometida.

No que concerne à Economia de Comunhão, sinto que ela provocou uma grande transformação em mim. Cheguei a questionar, em determinados momentos, o que teria me levado a ela, mas concluí que foi o inverso que aconteceu: foi ela que me encontrou. Eu, certamente, já tinha uma inclinação natural para o novo, ou seja, já estava emocionalmente preparada. O mesmo, entretanto, não ocorreu no lado intelectual.

Muito teve que ser lido e interpretado sob diversas óticas para fazer sentido. Apesar das dificuldades encontradas que me imobilizaram diversas vezes, houve a sofrida, mas gratificante construção desse caminho permitida pela postura hermenêutica adotada.

Algumas brechas nas minhas ansiedades foram preenchidas e ficou visível que não é mais possível, pelo menos para mim, enxergar uma coisa qualquer, sem buscar suas origens, sem saber onde elas se encontram escondidas e quais são suas interconexões. Em síntese, foi esta maneira de ser, essas crenças e pressupostos aqui brevemente referenciados, por vezes contraditórios, que estiveram subjacentes durante toda a análise feita das teorias e do Projeto de EdC. Tudo foi ‘lido’ por mim a partir desse quadro de fundo.

2.4

Limitações do Método

Pesquisas que utilizam abordagem hermenêutica usam métodos qualitativos para estabelecer o contexto e o significado para o que as pessoas fazem. Assim, utilizar esse tipo de abordagem implica estar ciente de que se está construindo uma realidade por intermédio da interpretação de fatos e dados, obtidos a partir de outros atores. Isso significa que se o estudo for feito por outros pesquisadores que tenham bagagens de conhecimentos diferentes, utilizem diferentes métodos ou tenham objetivos diferentes, que outras reações possam ser desenvolvidas, outras questões possam ser focalizadas e, conseqüentemente, um diferente cenário possa ser desenvolvido. Essa é a grande limitação da hermenêutica.

Acrescente-se a ela, a questão da escolha das duas empresas de EdC como representantes das empresas do Projeto. A primeira vista, essa amostra reduzida prejudicaria a credibilidade do estudo. Todavia, os dois casos estão entre os casos de vanguarda do Movimento, sendo, sob esse aspecto, representativos dos ideais de Chiara Lubich. Acrescente-se a isso que eles são os únicos entre os tantos estudados por Mario Pinto e Heloisa Gonçalves que apresentam conexões com o todos os elementos teóricos escolhidos para este trabalho. As conclusões referem-se mais a eles do que à Economia de Comunhão como um todo, pois sempre pode haver um contra-exemplo dentro do próprio Projeto que poderia colocar em dúvida o que foi encontrado neste trabalho.

Um comentário final deve ser feito. O Projeto de Economia de Comunhão está em franca evolução e este trabalho representa uma fotografia da situação atual. Em

outro momento, o pesquisador provavelmente se defrontará com aspectos distintos aos aqui abordados.